

RECORDAÇÕES ANO 1968 (CAMPOS NOVOS)

Final de semana, estava na praia em Canasvieiras, quando meu avô convidou-me:

- “Vamos passear em Campos Novos, planalto catarinense ?”
- “Por quê ?” respondi, com um olhar curioso. Ele acrescentou:
- “Quero rever um compadre que conheci quando estive lá...há muitos anos...60 anos ! Eu havia sido nomeado na função de Promotor naquela comarca.”

Aceitei o convite e partimos para aquela aventura. Fui dirigindo o velho Land Rover dele, por muitos quilômetros até alcançarmos a altitude do planalto serrano e entramos por uma estrada de chão no interior do município, distrito de Pito Aceso. Um presente da mãe natureza. Estávamos no meio de um campo verde e ondulante entre coxilhas e canhadas. Desfilando aos nossos olhos pinheiros, imbuias, bracatingas. Mato farfalhando ao vento. Respiramos um ar puro e revigorante até chegarmos na casa do compadre.

Sebastião, era o nome dele. Mais conhecido como o velho Tião. Uma casa simples mas acolhedora, ornada com quadros de santos, situada próxima de um riacho com águas límpidas e frias.

Tivemos uma recepção festiva. Alaridos de alguns piás, filhos do caseiro que morava ao lado. Ofereceram chimarrão e cafezinho, cheiroso e fumegante, em canequinhas de porcelana. A prosa se estendia mansa e vagarosa, porque lá o tempo escorria devagar.

Então, meu avô recordou sua vivência na pequena e antiga Campos Novos. Ano de 1968.

Lembrou do nome do antigo Juiz da Comarca: Dr. Raul Bayer Laus. Passou a contar causos curiosos daquela época.

Então desfilaram no nosso imaginário muitos personagens ante os olhares atentos do casal de idosos enquanto os piás ouviam, sentados ao chão.

A narrativa de meu avô estendeu-se até o final da tarde como descrevo a seguir.

“Seu nome era Raul Bayer Laus, Juiz de Direito, substituto. Em Tijucas, sua terra natal, havia recebido o apelido, carinhoso, de Lilico. Na Universidade Federal, onde cursou Direito, também ficou conhecido como Lilico. Na Comarca de Campos Novos, outono do ano de 1968, o chamavam Doutor Raul.”

Após um gole de café, meu avô prosseguiu:

“Nas dependências do Fórum, informalmente, o chamávamos Lilico. O Promotor de Justiça, também recém-chegado à Comarca e os Advogados Dr. Cid Pedroso, Dr. Enéas Athanázio, Dr. Edson Ubaldo, entre outros.”

Era o momento descontraído do cafezinho, servido pela servente.

-“Também tratamos, com carinho, o Advogado Dr. João Rupp Sobrinho. O mais antigo da Comarca, chamando-o pelo apelido familiar de Dr. “Janguinho” - afirmava o Escrivão Atilio Calliari. Na pequena cidade de Campos Novos as notícias corriam rápidas. Ainda mais a chegada de novo Juiz. A novidade era assunto do dia. De boca em boca, pois, não havia jornal. A notícia também se espalhava nos pontos de reunião: nas farmácias do Osvaldo Melo ou do Adelar, no tradicional bar do Álvaro ou até no posto de gasolina do “tio” Raulino ou “Tatu”.

-“Certa feita, um Promotor, quando chegou, fora saudado com uma salva de tiros. Revólveres. Calibre 38. O alvo: o sino da Igreja, no alto da torre.”

O Oficial de Justiça, que ouvia o Escrivão, confirmou e acrescentou:

-“O sino balançou e tocou, “seu” Doutor.”

Algumas mulheres lembram que o Padre Quintílio, pároco, foi examinar o local e não negou: encontrou vestígios.

Dona Maria, que mantinha uma pensão para Doutores, como afirmavam, costumava lembrar fatos inusitados. Profunda conhecedora da história de Campos Novos não escondia:

-“Aqui cemitério é mina de chumbo...”

Avisando os incautos e ardentes forasteiros:

-“Beijo, com mulher casada, sempre tem gosto de chumbo...”

Ria e olhava para o genro, que nutria muito ciúme de sua esposa. Apesar, como caminhoneiro, ter tinha muita liberdade, quando viajava.

Dona Maria costumava recomendar aos hóspedes e viajantes:

-“Muito cuidado com a mulherada das casas de tolerância.” Apontando para a estrada, na saída da cidade, no rumo de Lages.

-“Muito homem casado perdeu o juízo e destruiu sua família” relembrando e lamentando.

Por sinal, Dr. Wilson Vidal Antunes, Juiz de Direito da vizinha Comarca, costumava definir “prostíbulo” citando, em uma sentença, o escritor Mário Brito, falecido em 1916:

-“Um harém ocidental em que odaliscas de aluguel atendem a califas ocasionais.”

Na pensão de Dona Maria hóspede não preenchia ficha de identificação. Ela logo bisbilhotava: casado, solteiro, viúvo ?

Perguntou o nome da esposa do Dr. Raul. A resposta pronta:

-“Bidú.”

-“Que nome interessante!”

-“Não é nome. É apelido.”

-“Mas é bonito, “seu” Doutor. E combina com o seu.”

Assim transcorriam os dias na pequena cidade. O outono parecia ansioso pela chegada do inverno. As árvores da praça central perdiam as folhas. Começava a esfriar durante a noite. O tradicional café e bar da praça começava a ficar vazio, mais cedo. Até os cães, nos casarios, calavam-se e procuravam um rancho aquecido. Na pensão um bulício, provocado pelo jogo de dominó. Um vozeirão. Era o Lilico, ou melhor, Dr. Raul.

Amanhecia. Era o primeiro que tomava café. Saia para o Fórum. Às vezes, pela manhã, ainda , telefonava para Joaçaba, sede da jurisdição, onde a família residia e para onde ele retornava nos finais de semana. Telefone, só com central e telefonista para ligações interurbanas...

Até que, certo dia, algo inusitado veio acontecer.

O Escrivão do Cartório Criminal, “seu” Calliari, saiu de casa dirigindo-se para o Fórum.

Afagou Pirata, o cãozinho de estimação da família: animal todo branco, raça desconhecida. Um guaipéca. Cola preta e uma mancha preta na cabeça. Chegou ainda filhote. Colocaram-no dentro do cercado da casa e foi adotado.

A curiosidade: Calliari, cinquentão, fora admitido serventuário no Fórum apesar de possuir visão de apenas um olho. Doença congênita? Acidente? Não confienciava. Afirmava, categórico:

-“Enxergo melhor do que muito sujeito com dois olhos.”

Acrescentando, com gostosa gargalhada:

-“Datilografo com apenas dois dedos, mais rápido que muita gente.”

O cão viera como encomenda para seu novo dono. Também apresentava apenas um olho. Mesmo assim enxergava à distância um gato, fazendo o maior alarido. Botando o bichano a correr.

-“Dei-lhe o nome de Pirata. Só falta um tapa olho e uma perna de pau.” Dizia, em tom de brincadeira, para os amigos, no bar da praça.

Durante a semana, de segunda a sexta, chovendo ou fazendo sol, Pirata ia ao encontro do seu dono, no retorno do Fórum. Como diria o Dr. Enéas Athanázio, Advogado na praça e também escritor; citando o Marquês de Maricá, em suas “Máximas”:

-“Ninguém pode se queixar de não ter um amigo, podendo ter um cão.”

O sino da Igreja badalava no fim da tarde. Lembravam as Ave-Marias. No Fórum, “seu” Calliari parava, tentando organizar os empoeirados autos criminais. Fechava o livro pauta de audiências e os arquivos. Despedia-se do Juiz e do Promotor. Atravessava a praça. Passava pelo café do Álvaro. Encontrava um ou outro amigo. Aconteciam brincadeiras e as mentiras habituais: caçadores e pescadores reunidos...

Em casa, Pirata ouvia o soar do sino. Deslocava-se pela rua. Junto à cerca. Farejava uma moita.

Nenhum sinal de gato. Célere, continuava até chegar na praça. Café do Álvaro. Sentia pelo faro.

Ali encontraria seu dono. Aproximava-se, sacudindo a cauda, faceiro. Calliari se despedia dos amigos:

-“Até amanhã. Conto outra p’ra vocês...” e os dois seguiam. Um homem e sua sombra.

Finalmente, chegara o dia aguardado pelo Juiz. Um julgamento pelo Tribunal do Júri. As dependências do Fórum eram alugadas e pequenas. Por isso, requisitou à Prefeitura, o salão da Câmara dos Vereadores. Haveria cadeiras para o público. Uma cancela separando a assistência da mesa da presidência. Um tablado elevado para destacar os Jurados, sentados. Tudo pronto. Recomendou ao Escrivão que viesse de terno e gravata, pois, soubera que o Desembargador Pedrosa fora Juiz de Direito naquela Comarca. Deixara a determinação: Juiz, Promotor, Advogado e Escrivão deveriam usar terno e gravata em dia de Júri. Até para os Jurados foi exigido o uso de gravatas. O Escrivão providenciou a compra de algumas para emprestar a quem necessitasse: pagou com a verba do café para o Fórum. Tempos difíceis.

Atílio Calliari, ao sair de casa, naquele dia afagou o cão de estimação. Pirata olhou desconfiado. Seu patrão usando terno ? Permaneceu no portão, enquanto Calliari caminhou em direção ao Fórum. Estaria começando mais uma interminável sessão de Júri.

Às 14 horas os curiosos começavam a chegar ao recinto do julgamento. O soldado PM Arlindo trouxe o réu, vindo da Cadeia Pública. Apresentou-o ao Juiz.

Na primeira fila de cadeiras sentou-se “seu” Assad. Comerciante, pai do jovem Dr. Suhail Assad, o mais novo Advogado em Campos Novos.

Filho de descendentes libaneses, estabelecidos com loja na cidade, sempre almejava tornar-se Advogado. Ousou. Procurou a melhor Faculdade de Direito: Rio de Janeiro. Cidade maravilhosa, nada de província.

Comentavam : quando vinha, em férias, visitar seus pais, saía do Rio de Janeiro e dizia aos colegas e professores:

-“Estou indo para New Fields City.”

Alguns chegaram a acreditar que ia para os Estados Unidos da América. Depois descobriram que se tratava da cidade de Campos Novos, Brasil. Isso mesmo, Brasil, sem “Z”.

Essa conversa circulava pelas farmácias do Adelar e do Osvaldo Melo, onde boatos e fatos se confundiam entre remédios e gargalhadas. Própria de caçadores e pescadores de plantão.

Começou a sessão de julgamento. O réu, conduzido ao plenário, escoltado pelo sd PM, apresentava semblante preocupado. Sentou-se defronte ao Juiz. Este, em plano mais elevado, procedeu ao sorteio dos Jurados que comporiam o Conselho de Sentença. Rostos conhecidos: Eleutério, Exator Estadual: dois funcionários da Prefeitura, duas professoras, um Vereador e um comerciante. Sete personagens e um destino, como diria o Dr. “Janguinho”

A leitura dos autos foi demorada: depoimentos de inúmeras testemunhas, documentos juntados, perícias do local da infração, exames de corpo de delito, promovidos pelos dois únicos médicos locais: Dr. Riskala e Dr. Vilmar. O tempo se arrastava. As horas custavam a passar. Alguns Jurados esboçavam bocejos, sonolentos.

Às 18 horas dobra o sino no alto da torre da Igreja. Pirata dormia embaixo do pessegueiro, nos fundos da casa. Atento para nenhum gato passar pelo seu território. Ao escutar lembrou: era hora de ir ao encontro de seu dono. Faceiro, passou pelo portão e alcançou a rua. Sentia que a temperatura esfriava. Olhou para um poste. Desistiu. Não podia atrasar. Deslocou-se entre moitas e cercas.

Chegou na praça: bar do Álvaro. Calçada vazia. Onde estariam Calliari e seus amigos ? Achou estranho. Farejava e não encontrava vestígio de seu dono. Sentiu uma frustração. Sensação de cão perdido. Caído de caminhão de mudança.

De repente, surge na calçada “tio” Beno, Juiz de Paz. Homem de poucas falas. Não conseguiria informação, mas seguiu seus passos. Percebeu movimento de pessoas no final da rua. Entravam e saíam no antigo prédio da Prefeitura. Viu o padre Quintílio dirigindo-se para o local. Afastou-se para sua passagem pela calçada. Temia-o. Certa vez foi procurar seu dono na Igreja. Recebeu um corredor do Padre. Certamente, ele não pertencia à Ordem de São Francisco: protetor dos animais. Soube, depois: Ordem Redentorista

O Padre, apressado, entrou no Prédio da Prefeitura. Pirata achou que estava na pista certa. Pouco depois o Vereador Falavino Ferreira, excêntrica figura, também caminhava pela calçada, na mesma direção. Afastou-se para ele passar. Não gostava de político, aconselhado pelo dono. Ainda mais aquele. Como dizia Dr. Enéas Athanázio, também vereador:

-“Bastava opinar contra o governo militar e já Falavino tachava o interlocutor de comunista e ameaçava a instauração de IPM.”

O Adelar da farmácia, ouvindo o vereador Falavino discursar no bar do Álvaro, afirmou, categórico: -“Acreditem. Se nós não tivéssemos certeza que a revolução foi chefiada pelo General Castelo Branco, ex Presidente, eu diria que fora encabeçada pelo nosso conterrâneo Sargento reformado Falavino Ferreira.”

Vale lembrar. Quem assistiu, comentou. Às vésperas da revolução de 1964, no bar do Álvaro, discutiam Dr. Cid, Advogado, e o Vereador, Falavino. Em dado momento, o primeiro lançou o desafio:

-“O que, ele, Falavino, entendia por capitalismo e a diferença com o comunismo.”

O Vereador coçou a cabeça, mas não demorou a responder:

-“Ora, Doutor, capitalismo é a exploração do homem pelo homem. Enquanto, comunismo é justamente o contrário...”

Quem ouviu o desfecho, saiu atônito.

Mas, voltando ao acontecimento daquele final de mais uma tarde em Campos Novos.

Pirata aguardou alguns minutos defronte à Prefeitura. Afinal, ali era a casa do povo. Portas abertas para todos. Acesso público. Não tinha mais dúvida: ali estaria “seu” Calliari.

Passando entre as pernas, aproximou-se pelo corredor até a cancela. Passou por um pequeno espaço, suficiente para seu corpo franzino, próprio de um cusco.

Deparou-se com a mesa do Juiz Presidente do Júri. Móveis antigos, escuros. Na poltrona: Lilico. Olhou com humildade para S.Excia. Exultou quando viu, ao lado, “seu” Calliari, datilografando e reduzindo a termo o interrogatório do réu.

-“Nome, idade, profissão, etc” indagava o Juiz.

-“Onde o senhor se encontrava por ocasião dos fatos narrados na denúncia?”

Naquele momento Dr. Raul, nosso caro Lilico, interrompeu o interrogatório. Olhava para a cena inusitada: assistência murmurando e um cachorro deitado no chão, ao lado do réu .

-“Calliari! Esse cachorrinho é seu?” indagou exaltado.

-“Sim. É o Pirata, “seu” Doutor.” Respondeu acanhado.

-“O que ele faz aqui dentro ?”

-“Pois ele deveria estar lá em casa...Desculpe!”

-“Então, mande retirá-lo daqui. Providencie já.”

O Oficial de Justiça, “seu” Otávio, sentado ao lado dos Jurados, cochilava. Ao meio dia havia tomado uma dose de “água santa” no bar do Álvaro. Era cafuzo e conhecido pelo apelido de “Nó de Pinho” por causa da tez morena de sua pele.

Quando foi convocado para retirar o Pirata, meio sonolento, não acreditava. Estaria sonhando ? Calliari reiterou a ordem. O Oficial de Justiça aproximou-se do cachorro, agachou-se. Pirata assustou-se mas não resistiu. Foi conduzido até a porta da Prefeitura e ali deixado ante o olhar dos curiosos.

Passados alguns minutos, refeito da ação rápida, ele não vacilou. Olhou para rua escura e voltou ao plenário da Câmara. Sorrateiramente, entre cadeiras e pernas, chegou até a cancela e a ultrapassou. Colocou-se na frente do Juiz. Um desafio. Novamente interrompido o interrogatório.

Lilico, o Juiz, não concordava com a intromissão:

-“Calliari! Aqui não é lugar para seu cachorro!”

-“Desculpe, Doutor. Ele está aguardando a minha volta para casa.”

Os Jurados se entreolhavam, atônitos. Despertaram. Osvaldo Melo, da farmácia não conseguia conter o riso. O Promotor, surpreso, chegou a suspeitar de uma articulação da Defesa: “estratégia para distrair a atenção dos Jurados.”

Dr. Suhail, sorridente, estava satisfeito:

-“Este cachorro está do nosso lado” e concluiu “ Não deixa o réu ser interrogado. Quanto menos ele falar, menos chances de se confundir...”

Novamente a ordem. “Seu” Otávio, mais uma vez, convocado para retirar o Pirata.

-“ Isso lá é função para Oficial de Justiça!” resmungou.

O Juiz não o ouviu. Sorte sua. Determinou, então:

-“Seu Otávio, cão conduzido sob vara e para longe!”

O conhecido “Nó de Pinho”, pacientemente, conseguiu segurar o cão. Não esboçou reação.

Pacífico, sempre foi obediente. Calliari, ainda recomendou:

-“Pirata! Vá já para casa.”

A platéia vibrou. Alguns aplaudiram, outros vaiaram. O cachorrinho tornara-se o alvo das atenções. O Juiz começando a perder a calma, ordenou silêncio para prosseguir no interrogatório. Passados alguns minutos, lá estava Pirata liberto na calçada defronte o bar do Álvaro. Porta aberta, “Nó de Pinho” aproveitou a oportunidade. Aproximou-se do balcão e pediu uma “caninha”. Ainda estava no exercício da sua função, mas o tempo estava esfriando. Álvaro atendeu e puxou prosa. Estava sozinho. Os fregueses habituais preferiram assistir ao julgamento.

Pirata não desistiu. Resolveu voltar à Prefeitura. Ainda mais agora que seu algoz resolvera prosear no bar. Disparou lépido, sem que ambos percebessem. Sorrateiro, conseguiu seu intento. Lilico, o Juiz, lê algumas declarações contidas nos autos. Levanta a cabeça e volta os olhos para o acusado. Este esboça um leve sorriso. Ao seu lado, outra vez, estava Pirata, olhando, fixamente, para “seu” Calliari. Sacudia a cauda, satisfeito.

Lilico perdeu a paciência. Exasperado, voltou os olhos para o cachorro. Pirata, envergonhado, percebeu e baixou as orelhas, quase suplicando.

Lilico procurou o Oficial de Justiça. Em vão. “Nó de Pinho” desaparecera.

A platéia, murmurava, com receio do Juiz. Dr. Suhail esboçava um sorriso, oculto com as mãos. O Juiz fixou os olhos no soldado Arlindo.

Finalmente, a decisão. Lilico consulta o Promotor e proclama. A seguir, em voz alta:

-“Declaro suspenso o julgamento!”

Murmúrio. Burburinho. Agitação na assistência.

-“Por trinta minutos!” acrescenta.

Silêncio total. Lilico volta seu olhar carrancudo para o pálido Escrivão. Contém-se. Prende a respiração. Lembra-se de Molière, célebre dramaturgo francês, citando-o:

-“ Por Júpiter !!!”

Espanto geral, Platéia veio abaixo. Padre Quintílio levou as mãos à cabeça.

-“ Calliari. Retire o Pirata do plenário do Júri. Conduza-o até sua casa. Mantenha-o encarcerado e retorne às suas funções.” Sentenciou.

Ordem dada e obedecida. Finalmente, prosseguiu o julgamento noite adentro.

Mas, naquela madrugada fria muitos não conseguiram dormir em Campos Novos: a canzoada latia e uivava. Solidária quiçá com a façanha do novo herói: Pirata.

Como disse e afirmou “Nó de Pinho” para o “seu” Álvaro, em seu bar, no dia seguinte, quando foi pagar as pinguinhas:

-“ O melhor amigo do homem ainda é o cão. Mas, o melhor amigo do cão é outro cão.”

Após vinte e seis anos passados agora inverno de 1994. Em Florianópolis, no consultório do médico oncologista a secretária anuncia a presença do Desembargador Raul Bayer Laus, aos 60 anos de idade. Após rever os exames solicitados o médico anuncia, com pesar:

-“ Doutor Raul ! Devo admitir: sua doença é grave. Muito grave. Mas vamos enfrenta-la com os melhores recursos...”

Enquanto ele tentava conforta-lo com expectativas, o pensamento de Lilico se esvaía. Em segundos fluíram imagens. Reviu a trajetória de toda uma vida: cenas com familiares. Com colegas. Com amigos. Era o prenúncio de um final.

Tijucas. 15 de dezembro de 1994. A cidade natal o recebe de volta. Olhos cerrados: lágrimas, saudades. Na terra, que o viu nascer, abrem uma cova profunda. O solo amigo acolhe o filho que voltou. Adeus, Lilico.”

Anoitecera na coxilha Ouvimos pios de corujas.. Na penumbra da sala percebemos lagrimas nos olhos de meu avô .Estava muito emocionado. Então, era hora de despedida e retornar, pois como afirmou romancista Vitor Hugo : O PASSADO NÃO RECONHECE O SEU LUGAR ,POIS .ESTARA SEMPRE PRESENTE “